

O FUTEBOL DE SEIS “QUADRADOS” NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO COM PRINCÍPIOS DIDÁTICOS DA ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA

Ms. FRANCISCO EMÍLIO DE MEDEIROS

Mestre em Educação Física (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp).

Professor na rede de ensino da prefeitura de Florianópolis (SC).

E-mail: medeiros09@yahoo.com.br

RESUMO

O futebol de seis “quadrados” constituiu uma experiência de intervenção nas aulas de educação física pautada em proposições do movimento de renovação da educação física brasileira, gestado nos anos de 1980 e de 1990. A referência maior recaiu sobre a abordagem crítico-emancipatória enunciada por Kunz (1994), que postula a “transformação didático-pedagógica do esporte” e estabelece princípios didáticos comunicativos para as aulas de educação física. A experiência, realizada em duas escolas da rede municipal de ensino de Florianópolis (SC), revelou que o futebol de seis “quadrados” pode ser uma estratégia pedagógica importante para uma reinvenção do esporte.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; educação física escolar; esporte; co-educação.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho mostra, por meio da descrição de experiências práticas de ensino, a possibilidade de reinventar o esporte nas aulas de educação física diferentemente das práticas que se orientam pela sua cópia irrefletida, estimulando meninas e meninos pouco habilidosos e podendo vir a ser uma estratégia importante de inovação pedagógica.

O contexto histórico de mudanças e renovação da educação física brasileira nos anos de 1980 e de 1990 fez emergir um considerável debate político-acadêmico na área que culminou no surgimento de uma literatura nacional relativa à educação física escolar e ao esporte. Dessa literatura destaco, principalmente, as idéias apresentadas por Elenor Kunz, secundadas pelas de Valter Bracht, Reiner Hildebrandt-Stramann, Alfredo Gomes de Faria Júnior, Silvana Vilodre Goellner, dentre outros. A partir das idéias desses autores, sobre educação física escolar, esporte e co-educação, procurei extrair princípios didáticos capazes de proporcionar uma orientação teórico-prática para as aulas de educação física, com vistas às experiências de tematização do esporte.

As três experiências inéditas de abordagem do futebol em turmas de meninas e meninos, foram realizadas em duas escolas da rede pública de ensino do município de Florianópolis (SC), durante os anos letivos de 2000, 2002 e 2004.

Por fim, apresento alguns comentários dessas experiências de ensino destacando constatações que podem ser consideradas no ensino do esporte nas aulas de educação física.

PRINCÍPIOS DIDÁTICOS: A CONTRIBUIÇÃO DA ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA

No processo de constituição das teorias pedagógicas da educação física no Brasil, Bracht (1999) diz que a proposta crítico-emancipatória deriva das discussões da pedagogia crítica brasileira, a partir da segunda metade da década de 1980. Tais discussões tinham como propósito principal realizar a crítica da função da educação na sociedade capitalista.

Quéfren (2003) enfatiza que no interior dessas discussões havia uma insatisfação de uma geração de professores que compartilhavam do entendimento da educação física como educação, diferentemente da posição dominante que concebia a educação física como uma mera atividade física e, por isso mesmo, conformada com uma posição de neutralidade política dessa prática pedagógica. Ao contrário, essa geração de professores, aspirando mudanças, em tempos posteriores, formularia propostas renovadoras para o ensino da educação física.

Na proposta de Kunz (1994), autor no qual fundamentei a experiência, uma

[...] teoria pedagógica no sentido crítico-emancipatória precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. E uma racionalidade com o sentido do esclarecimento implica sempre, numa racionalidade comunicativa. Devemos pressupor que a Educação é sempre um processo onde se desenvolvem "ações comunicativas". O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica (KUNZ, 1994, pp. 29-30).

Entre os aportes teóricos para a sustentação dessa teoria pedagógica estão as idéias de Jürgen Habermas (apud KUNZ, 1994) sobre os interesses constitutivos do saber, ou seja, as diferentes formas de elaborar o saber que estão permeadas pela racionalidade instrumental, prática e crítica. Habermas argumenta que o domínio emancipatório significa autoconhecimento ou auto-reflexão. Percepções obtidas por meio de autoconhecimento crítico são emancipatórias, conduzindo a uma consciência ou perspectiva de transformação.

Outra fundamentação teórica contida na teoria pedagógica de Kunz, igualmente pertinente para a tematização do esporte, diz respeito à sensibilidade, percepção e intuição como elementos integrantes dos movimentos e condutas presentes no esporte. O autor apóia-se na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, especialmente, para dizer que esses três fenômenos podem contribuir com um melhor desenvolvimento das atividades práticas do esporte, e particularmente, do esporte praticado na escola. E, destacando ao menos um, em relação à percepção o autor defende a idéia de ações coincidentes entre movimento e percepção humana. "Para o esporte isto pode significar que minha percepção é determinada pelos movimentos que realizo e os movimentos realizados são, ao mesmo tempo, determinados pela percepção" (KUNZ, 2000, p. VII).

Passando a composição dos princípios didáticos, propriamente, apresento a seguinte conceituação de Kunz em torno do que significa ensinar numa aula de educação física:

Ensinar em Educação Física deveria significar a introdução e, ao mesmo tempo, a capacitação do aluno, da criança e do jovem em especial, na cultura de movimentos do contexto sócio-cultural em que vivem. A capacitação se dá através da formação de competências para que os mesmos possam não apenas participar como atores desta cultura de movimentos, mas para construí-la e reconstruí-la, como atores/inventores, ou seja, os mesmos devem ser capazes de aprender a recortar o tecido de que é composto o mundo de movimentos que compõe esta cultura (KUNZ, 1998, p. 117).

O ensinar em educação física, indo além dessa formação instrumental-formativa, deve almejar um compromisso educacional mais abrangente insistindo numa formação da cidadania crítica e emancipada dos estudantes, por meio do desenvolvimento das competências objetiva, social e comunicativa, marcando “[...] uma educação que se desenvolve, se refaz e se auto-realiza pela interação de professores e alunos, como ato de se entenderem, de dialogarem e de interagirem comunicativamente” (KUNZ, 2001).

Essa interatividade entre estudantes e professor é condição essencial para o agir metodológico na abordagem crítico-emancipatória de ensino, pois, no entendimento do autor, promover a capacidade de autonomia e emancipação pelo esporte implica conceber que os educandos não podem ser vistos como copiadore de movimentos padronizados, “[...] mas sim como re-descobridores, re-inventores dos movimentos no esporte, o que se configura numa relação pessoal-situacional de entendimento entre alunos e professores” (KUNZ, 1999, pp. 78-79).

Nessa perspectiva, defende que a tematização do esporte nas aulas de educação física deve estar orientada “[...] no sentido dos educandos poderem entender, compreender, este fenômeno sócio-cultural, o que não pode acontecer somente pela sua ação prática, mas principalmente pela ação reflexiva” (KUNZ, 1989, p. 69). E, nessa linha de pensamento, ao tratar das possibilidades para uma transformação didática dos esportes, destaca que essa transformação visa, principalmente, que a totalidade dos estudantes possa participar, nas mesmas condições de oportunidades, tendo prazer e realização, na prática desses esportes. “Para tanto não basta mudar a estrutura e forma dos movimentos esportivos, ou o seu desenrolar, mas as próprias regras e estruturas normativas deste sistema esportivo” (KUNZ, 1991, pp. 187-188).

Também recorri a outros autores da educação física com vistas a complementar a composição de um quadro de princípios didáticos para a experiência de tematização do futebol nas aulas de educação física.

Primeiramente em Bracht (1997), para compreender que a hegemonia do esporte nas aulas de educação física aconteceu de forma gradativa desde a sua introdução no contexto escolar. No Brasil o processo teve início nos anos de 1940, e nas décadas de 1960 e 1970 recebeu grande impulso em virtude das políticas públicas governamentais de estímulo ao esporte. Diz, ainda, que a educação física incorporou o esporte na escola subordinando-se aos sentidos e representações de cada esporte e que, cada vez mais se passou a ter o esporte na escola em vez de se ter o esporte da escola.

Num estudo mais recente, Bracht entende que há possibilidades de tematização do esporte na escola quando se atribui “[...] um significado menos

central ao rendimento máximo e à competição, e procura permitir aos educandos vivenciar também formas de prática esportiva que privilegiem antes o rendimento possível e a cooperação” (BRACHT, 2000, p. XVIII).

Depois recorri a Hildebrandt-Stramann (2001), porque argumenta que o sistema esportivo atual se caracteriza por duas regras básicas: sobrepujar e comparar objetivamente. Explica que a típica necessidade de simplificação que produz o sistema do esporte fica bastante clara quando inter-relacionamos as duas regras, pois, para comparar rendimentos de modo objetivo, é necessário que as condições em que estes são obtidos sejam padronizadas. Quer dizer, é imprescindível a padronização, generalizada e irrefletida, desde a arquitetura dos locais e das regras de cada modalidade esportiva até os gestos e as técnicas de movimento.

Para o autor, a educação física escolar, definida por esse conceito de esporte, traz como conseqüência a interiorização irrefletida desse conceito pelas novas gerações. Como alternativa, propõe que a aula de educação física seja orientada por uma concepção pedagógica adequada de tal forma que possibilite aos estudantes compreender e transformar o esporte de acordo com seus interesses, suas necessidades e seu próprio modo de vida.

Além disso, esse autor contribui com a idéia de experiência como uma categoria central da teoria didática das aulas abertas às iniciativas dos estudantes, argumentando que é “[...] a insubstituível história da experiência de cada um que define suas possibilidades dentro das mesmas” (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2001, p. 88).

Também recorri a Faria Júnior (1995), pois apresenta alguns procedimentos didáticos inovadores para experiências no ensino do futebol para turmas em regime de co-educação¹, tais como: designar quem tem mais habilidade, força ou velocidade, para marcar quem é mais habilidoso, forte ou veloz na outra equipe; promover rotação de posições, visando dar oportunidade para que todos participem e diminuindo conseqüentemente as possibilidades de que os mais habilidosos e/ou fortes tomem conta do jogo. O autor sugere, ainda, outros procedimentos não convencionais, por exemplo:

[...] pode-se exigir: que dois sucessivos chutes a gol não possam ser dados por jogadores do mesmo gênero (alternando assim as ações de meninas e meninos); que em cada ten-

1. Costa e Silva (2002) enfatizam que o estudo da diferença de sexo/gênero na educação física escolar deve ser encaminhado no sentido de valorizar a contribuição de ambos os sexos. Desse modo, as ações pedagógicas devem valorizar as relações entre professor-aluno questionando a forma dominante e hierárquica com relação aos conteúdos esportivos de seletividade e que centre seus esforços na aprendizagem, desenvolvimento e participação de cada um(a) dos(as) alunos(as) no esporte, jogo, ginástica, lutas etc.

tativa a gol haja uma intervenção precedente de jogador de outro gênero (o menino passa a bola e a menina tenta a finalização a gol, ou vice-versa); que as meninas cobrem dois terços dos tiros livres diretos e indiretos de sua equipe; que no caso dos tiros livres indiretos, os recebedores deverão ser do gênero oposto ao do cobrador (meninas cobrando e meninos recebendo, e vice-versa) (FARIA JÚNIOR, 1995, pp. 33-34).

Por conta de uma longa tradição de discriminação e preconceitos entre homens e mulheres, alerta que um tratamento didático com equidade aos dois gêneros por si só não garante a eliminação das desigualdades existentes, mas pode-se somar a outras tantas experiências que buscam mudanças com vistas à tão almejada condição de igualdade entre homens e mulheres.

E por fim a Goellner (2000), que discorre sobre a questão de a mulher poder praticar futebol, destacando que é muito importante o papel da escola no sentido de promover experiências que reflitam sobre como se produz e se reproduz no ambiente escolar as representações dominantes de feminilidade e de masculinidade. Exemplifica sua preocupação em relação ao futebol, nos seguintes termos:

Com relação ao futebol, alguém poderá dizer: mas, os meninos são mais rápidos, têm mais habilidade, as meninas não sabem chutar, não têm força, correm todas atrás da bola ao mesmo tempo etc. Evidentemente que isso não está longe de acontecer. Afinal, desde cedo, criamos nossos filhos com a bola no pé e nossas filhas com a boneca na mão. Segregamos o mundo feminino do masculino, e a escola também, quando reafirma que o mundo do futebol é quase exclusividade do homem. Mas, será que na escola não é possível reverter, ou simplesmente, duvidar dessas verdades? Mostrar às alunas e alunos que o futebol e o acesso ao seu universo pode ser diferente? Será que a escola não pode construir uma prática que favoreça a compreensão de que meninos e meninas jogando em conjunto, antes de ser um empecilho, pode ser um ato de ousadia, solidariedade, companheirismo e aprendizagem? (GOELLNER, 2000, pp. 92-93).

Os pressupostos didáticos extraídos desses autores, juntamente com os da abordagem crítico-emancipatória, aliados a um desejo de promover inovações nos procedimentos didáticos usuais das aulas, foram decisivos para a realização de três experiências pedagógicas com o futebol, envolvendo meninas e meninos, em duas escolas da rede pública de ensino do município de Florianópolis (SC)², as quais passo a descrever.

2. As experiências foram realizadas na Escola Básica Osvaldo Machado (2000) e na Escola Básica Acácio Garibaldi São Thiago (2002 e 2004). A primeira localizada no extremo norte da ilha de Florianópolis (SC) e a segunda, na Região Leste.

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA: A INVENÇÃO DO FUTEBOL DE SEIS “QUADRADOS”

No ano letivo de 2000, semelhante aos anteriores, os meninos solicitavam a todo momento o jogo de futebol nas aulas. Esses pedidos insistentes eram, caracteristicamente, expressos na frase: “– Professor, vamos jogar futebol hoje?”.

Dessa vez topei conduzir o assunto com duas turmas de 5ª série, estabelecendo, desde o início, um acordo tácito de que todos, meninas e meninos, deveriam participar, jogando juntos e seguindo princípios de co-educação, aqueles anteriormente descritos. Assim, visando envolver todos os estudantes e evitar conflitos e desistências que poderiam dificultar a experiência, iniciei as atividades com pequenos jogos, tais como: duplas mistas de passinho, rodas mistas de passinho e pequenas rodas mistas de bobinhos, adotando a estratégia de agrupar intencionalmente meninos e meninas.

Nas aulas seguintes, com o objetivo de ilustrar determinados fundamentos técnicos do futebol, passei a apresentar o filme *Pelé: o mestre e seu método*³. Desse modo, alternava exibições de trechos do filme com aquelas atividades de pequenos jogos.

Nesse ponto foi importante o fato de já ter consolidado com os estudantes alguns acordos didáticos anteriores como: a importância das regras dos jogos serem construídas coletivamente, o respeito às regras combinadas e a possibilidade de mutabilidade delas, para que se pudesse iniciar a combinação/preparação do jogo de futebol, visto que já lecionava para esses estudantes desde a 3ª série. A partir desses acordos construímos as primeiras regras e formamos os times.

- Regra 1: divisão da turma em times de sete jogadores pela junção de três duplas mistas e mais um jogador. O número de estudantes por equipe foi definido em função das dimensões da quadra escolar, do número de alunos por turma e para possibilitar uma quantidade de times em que, numa mesma aula, todos tivessem oportunidade de jogar.
- Regra 2: organização dos jogos. As partidas teriam a duração de cinco minutos e os representantes de cada time juntavam-se numa roda para

3. *Pelé: o mestre e seu método – uma lição de bola com o maior mestre que o futebol conheceu.* Durante muitas aulas exibi, com duração aproximada de vinte minutos, trechos desse filme que abordava fundamentos como: controle de bola, o drible, o chute, a matada e a cabeçada, o passe, a cobrança de pênalti e de falta etc. O propósito principal era auxiliar os estudantes na obtenção da competência objetiva para o jogo de futebol.

determinar a ordem dos jogos. Nessa experiência utilizou-se o jogo de dedos (dois ou um!) em que os primeiros a discordar na apresentação dos dedos seriam os primeiros a jogar.

- Regra 3: evitar atitudes de agressividade durante os jogos. Por essa regra não é permitido xingar, empurrar, dar calço, puxar a camisa, dar pontapé, canelada e dar “bomba” (chute forte). Penalidade: ficar fora dos próximos jogos do seu time naquela aula e o time contrário tem o direito a uma cobrança de falta, do local da infração, sem barreira, contra o gol da equipe infratora.
- Regra 4: meninos passam a bola para meninas e vice-versa exceto quando um menino ou uma menina estivesse na beira (próximo) do gol quando então poderia chutar direto contra o goleiro. Penalidade: numa turma era ficar fora dos próximos jogos naquela aula. Em outra turma era uma cobrança de pênalti contra a equipe infratora.
- Regra 5: cada time se organiza em dois grupos, um de defesa e outro de ataque. Durante o jogo o grupo de defesa não pode ultrapassar a linha do meio da quadra, o mesmo valendo para o grupo de ataque. Penalidade: uma cobrança de pênalti contra o time infrator.

Na aula seguinte tivemos que reorganizar os cinco times nas duas turmas, pois alguns estudantes haviam modificado seus times, de uma aula para outra, com o intuito de fortalecerem-se para os jogos, desrespeitando a formação estabelecida de comum acordo na aula anterior.

Finalmente, chegaram os jogos de futebol. Rapidamente, da sala de aula à quadra da escola, alunas e alunos experimentaram a regra 2, anotaram no chão a seqüência dos jogos entre os times e iniciaram as partidas, tamanha era a vontade de jogar. Já nos primeiros jogos aconteceram várias violações às regras 3, 4 e 5, algumas observadas pelo professor e outras tanto pelos alunos e pelas alunas em jogo como pelos estudantes dos times que aguardavam a sua vez de jogar.

Na aula seguinte, após avaliação do jogo e das violações às regras, o grupo julgou importante a permanência das mesmas regras e ponderou que as violações deveriam estar associadas ao fato de alguns alunos e algumas alunas não estarem por inteiro no processo coletivo de construção dos jogos de futebol, alguns por desinteresse e outros por resistência à forma como o tema vinha sendo proposto pelo professor. Assim, aconteceram novos jogos com uma notável diminuição do número de violações às regras, muito provavelmente por influência daquela avaliação.

Algumas aulas se passaram e, na avaliação dos jogos em relação ao principal objetivo – aprender a jogar futebol –, chegou-se a uma conclusão que se transformou em um problema, pois muitos argumentavam que não estavam conseguindo aprender a jogar e que o jogo estava sendo dominado por aqueles que já sabiam jogar, principalmente os meninos.

Então, diante do que fazer para não perder o objetivo de vista, alguns estudantes sugeriram uma nova regra: a divisão do campo de jogo em seis áreas iguais, limitadas a dois jogadores, sendo um de cada time.

Chegamos, assim, à invenção do futebol de seis “quadrados”⁴ (ver Figura 1).

Essa nova regra, sem dúvida, concretizou significativamente o objetivo aprender a jogar futebol nas aulas que se seguiram (ver Figura 2) e, também, implicou a criação de outras três regras: a primeira, relacionada à movimentação dos dois jogadores (um de cada equipe) nos “quadrados”; a segunda, relativa à alternância das cobranças de faltas e pênaltis entre meninos e meninas e a terceira, que estabeleceu que cada time deveria organizar-se com três defensores e três atacantes, restringidos a seus respectivos “quadrados” e às áreas de ataque ou de defesa.

Foram então estabelecidas novas penalidades para as infrações a essas novas regras. Os jogadores poderiam movimentar-se livremente em seus respectivos “quadrados” até o limite da colocação de um pé no “quadrado” vizinho. Se colocasse os dois pés seria falta contra a sua equipe, cobrada do local da infração e sem barreira. Se um jogador de defesa invadissem o ataque ou vice-versa, seria cobrado pênalti contra a equipe infratora.

Passadas mais algumas aulas jogando com as novas regras, inventamos mais uma: a do jogador livre, que consistia na possibilidade de um jogador de defesa avançar livremente para a área de ataque quando o seu time estivesse atacando, devendo retornar imediatamente ao seu lugar quando a bola voltasse para o seu campo de defesa.

Essas mudanças promoveram uma participação entusiasmada da maioria dos estudantes, atestada pelos inúmeros depoimentos de satisfação com essa experiência que culminou na invenção do futebol de seis “quadrados”.

4. “Quadrados” foi a denominação dada pelos estudantes mesmo depois de conversa esclarecendo que, na realidade, tratava-se da divisão da quadra em seis áreas de jogo ou em seis retângulos de mesmo tamanho. Conforme a Figura 1, originalmente definiram como áreas, mas com o decorrer dos jogos a expressão quadrados predominou entre os estudantes. “O que se percebe espacialmente é determinado pelo tipo de ação envolvida” (KUNZ, 2000, p. VII).



Figura 1: criação da nova regra. Fotografia arquivo do autor.



Figura 2: a prática do jogo na quadra escolar. Fotografia arquivo do autor.

A SEGUNDA EXPERIÊNCIA: O FUTEBOL DE SEIS “QUADRADOS” EM OUTRA ESCOLA

No ano letivo de 2002, em nova escola e com duas turmas de 4ª série, o apelo insistente dos meninos voltava caracteristicamente: “– Professor, vamos jogar futebol hoje?”.

Por ser o primeiro ano em que lecionava nessa escola, consegui adiar a concretização desses apelos argumentando que era importante e necessário nos conhecermos um pouco melhor. Assim, organizei jogos e atividades que buscavam a participação de todos e a aproximação e relação entre meninos e meninas como, por exemplo, pega-pega, pega o osso, queimada e ginástica rítmica desportiva com arcos.

Após essa etapa de conhecimento mútuo, iniciei o “aprender a jogar futebol” com a apropriação pelos estudantes das principais regras do futebol de seis “quadrados”, extraídas da primeira experiência. Em seguida, dividimos a turma em times e, antes da vivência dos jogos de futebol no campo, realizamos laboratórios dos futuros jogos por meio do futebol de botões (ver Figura 3), bem como as rodas de passinho e de bobinho, importantes na formação de um clima de relação e respeito entre meninos e meninas.

Passada essa fase, fomos preparar o campo de futebol em um terreno baldio localizado nos fundos da escola. Confeccionamos as traves com bambus e demarcamos as principais linhas divisórias do campo cavando valetas rasas.

Finalmente vieram os jogos (ver Figura 4). Como cada turma tinha apenas quatro times, foi possível aumentar o tempo de duração das partidas para além dos cinco minutos (regra 2) e realizar dois jogos por aula, com duração de quinze minutos cada um. Para acentuar a divisão do campo em seis “quadrados” utilizamos linhas brancas de barbante, com a finalidade de tornar bem visíveis os limites dos seis “quadrados”.

Mesmo os alunos e as alunas não sendo os inventores do jogo, houve grande receptividade, principalmente das meninas e dos meninos menos hábeis. Os alunos mais habilidosos chegaram em alguns momentos a exigir o futebol “normal”, sem as regras e as características do futebol de seis “quadrados”. Nessas difíceis situações argumentava em favor da beleza da convivência entre meninos e meninas jogando juntos e a importância da nova experiência para todos, como sugere Goellner (2000). Com esses argumentos e o apoio dos outros estudantes, foi possível convencê-los a cooperar incentivando-os, igualmente, a assumir a co-responsabilidade da experiência.



Figura 3: laboratório com futebol de botões. Fotografia arquivo do autor.



Figura 4: a prática do jogo no "campo". Fotografia arquivo do autor.

O testemunho do sucesso dessa segunda experiência traduziu-se em depoimentos como: “O futebol de seis ‘quadrados’ é um jogo que inclui meninos e meninas que sabem e que não sabem jogar futebol”. Uma menina destacou a importância das atitudes de cooperação e companheirismo na seguinte expressão: “Esse jogo é jogado por meninos e meninas, os que sabem jogar ajudam aqueles que não sabem, por exemplo, um menino ajuda uma menina que não sabe jogar a aprender e quando ela aprende ajuda outro que não sabe jogar”. Também um outro depoimento atesta a importância das regras diferenciadas, vejamos: “Os jogadores fracos e fortes jogam juntos para ficar equilibrado, para que nenhum time fique mais forte e outro mais fraco”. Aliás, o futebol como um esporte de equipe que é “[...] pode atuar como meio eficaz de ensinar aos jovens a tolerância e a aceitação das diferenças individuais” (FARIA JÚNIOR, 1995, p. 32).

Essa experiência mostrou, entre outros aspectos, que é possível propor o futebol de seis “quadrados” em um outro contexto escolar.

A TERCEIRA EXPERIÊNCIA: DO FUTEBOL DE TRÊS AO FUTEBOL DE SEIS “QUADRADOS”

No ano letivo de 2004 voltava, de forma recorrente, aquela reivindicação dos meninos: “– Professor, vamos jogar futebol hoje?”.

Dessa vez, adotei uma nova estratégia para iniciar a abordagem do jogo de futebol nas aulas de educação física: o “futebol de três”. Essa modalidade de jogar futebol tem as seguintes regras e organização: primeiro, os estudantes estabelecem contatos entre si para formar grupos de três; em seguida, reúnem-se em uma roda para decidir a ordem dos jogos por meio do jogo de dedos (dois ou um!); cada jogo tem a duração de dois minutos ou até a marcação de um gol, permanecendo em campo a equipe que fez o gol, a qual inicia nova partida com o grupo da vez pela ordem do sorteio; após dois minutos sem gol, um jogador ou jogadora de cada equipe decide quem continua jogando no par ou ímpar; não pode: colocar a mão na bola de propósito, empurrar, calçar, puxar pela camiseta, chutar a perna, dar chute muito forte (bomba) tampouco falar palavrão. No caso de desrespeito a alguma dessas regras, a equipe infratora é penalizada com uma cobrança de pênalti em favor da outra equipe; uma regra bastante importante determina o revezamento entre os três jogadores de cada equipe na posição de goleiro, a cada nova partida do time, proporcionando a todos jogar na posição de linha e de goleiro (ver Figura 5).

O objetivo do futebol de três era possibilitar maior participação das meninas e dos meninos menos habilidosos nos jogos servindo também de preparação para o futebol de seis “quadrados” que seria abordado nas aulas de três turmas (de 3ª e 4ª séries).



Figura 5: futebol de três no “campo”. Fotografia arquivo do autor.



Figura 6: futebol de seis “quadrados” na quadra da “praça”. Fotografia arquivo do autor.

Essa terceira experiência com o futebol de seis “quadrados” foi iniciada nas três turmas com depoimentos de estudantes que vivenciaram a segunda experiência e com a apresentação de um vídeo com imagens da primeira experiência. O propósito era dar informações com vistas a uma idéia geral do jogo, suas características e principais regras. O passo seguinte foi organizar as três turmas para a vivência desse modo de jogar futebol, sendo que cada grupo respondeu de forma diferente ao desafio do professor: como organizar a turma para jogar futebol de seis “quadrados”?

O diferencial nessa terceira experiência foram as diferentes maneiras de organização das equipes pelas turmas. Assim sendo, optei por não descrever a fase dos jogos, propriamente ditos, os quais foram igualmente bastante significativos e reveladores, para abordar a experiência comunicativa coletiva em torno dos debates que envolveram a fase de organização, ou de provocação da competência comunicativa dos estudantes (KUNZ, 2001).

Considerando que uma das turmas era composta por 29 estudantes, resolveu-se formar quatro equipes de sete jogadores e um que seria reserva especial dos quatro times. A partir daí fomos para uma segunda questão: como escolher quem integrará cada uma das quatro equipes? E, entre as idéias sugeridas, fez-se assim: quatro meninas posicionaram-se na frente da sala para escolher os times na suposição de que elas poderiam formar grupos mais equilibrados. A partir daí cada menina, de forma alternada, escolheu três meninos e três meninas para compor sua equipe. Quem ficou por último foi designado como reserva especial, sendo que, na realidade, sempre jogou em razão das ausências de outros alunos.

Outra turma era composta por 30 estudantes e também se resolveu formar quatro times com sete jogadores, ficando dois como reservas especiais. E a nova questão passou a ser: como formar os quatro times?

Das idéias apresentadas foi escolhido o sorteio para formar as quatro equipes, da seguinte maneira: cada estudante pegaria um número, dobrado em papel, de dentro de uma pequena vasilha que continha os 30 números. Os times foram formados agrupando de um a sete para formar a equipe um, de oito a quatorze para formar a equipe dois e assim sucessivamente. Os números 29 e 30 ficaram como reservas especiais. E cabe novamente a observação de que, na prática, os reservas sempre jogaram por conta das ausências de seus colegas. A Figura 6 mostra a terceira experiência com o futebol de seis “quadrados”.

E a terceira turma era constituída de 31 estudantes. Como fazer?

Uma solução seria formar quatro equipes de sete jogadores com três reservas, mas a turma decidiu formar cinco equipes, sendo que a quinta equipe seria formada por três estudantes e mais quatro convidados das outras equipes que não fossem jogar, sendo dois meninos e duas meninas. Também foi estabelecido pelo

grupo que cada equipe deveria ser composta com dois jogadores fortes no futebol, mais dois médios e dois fracos. Uma idéia dominante que surgiu na organização foi que os cinco estudantes mais fortes em futebol escolheriam os demais da sua equipe.

Para formar as cinco equipes, realizamos duas votações pelas filas da sala para determinar os cinco estudantes mais fortes em futebol. Na primeira surgiram três nomes e, na segunda, os outros dois. A partir daí, considerando aqueles critérios anteriores, cada um dos cinco fortes passou a escolher seu time, alternadamente, do forte mais votado para o menos votado, escolhendo apenas um estudante por vez, primeiro, dois médios, depois, dois fracos, um forte e mais um para completar sete por equipe.

A diversidade quanto às possíveis maneiras de compor os times para vivenciar o futebol de seis “quadrados” demonstra a importância de existir, no espaço interativo da ação didática, as condições necessárias para a liberdade de expressão das idéias diante dos desafios colocados por problemas a serem solucionados conjuntamente, especialmente quando se trata de temas a serem vividos em grupo, como é o caso das aulas de educação física que se caracterizam como lugar e tempo de ações e relações em grupo.

COMENTÁRIOS FINAIS

O desafio de meninos e meninas jogarem futebol juntos nas aulas de educação física não constituiu tarefa pedagógica das mais fáceis, entretanto, a modalidade aqui proposta, o futebol de seis “quadrados”, tem-se revelado, na prática, uma possibilidade de experiência de “transformação didático-pedagógica do esporte”, sem ser uma simples vivência que copia irrefletidamente o esporte.

Ressalta-se, também, que as experiências não tinham a intenção de procurar descaracterizar o futebol da forma como é comumente praticado nos mais diversos contextos escolares e não escolares. Observo que, na primeira experiência, surgiu e concretizou-se a figura do jogador livre, a qual poderia sinalizar, em possíveis experiências futuras de tematização do futebol, para a abolição dos “quadrados” e, também, por conseqüência, talvez rumar para um jogo de futebol de meninas e meninos vivenciado num clima crescente de relação em igualdade de condições.

A invenção do futebol de seis “quadrados” só se tornou possível graças a uma intervenção pedagógica apoiada numa concepção de ensino problematizado. Nesse sentido, a concepção crítico-emancipatória formulada por Kunz apresenta-se como uma ferramenta capaz de auxiliar esse e outros processos de mudança no ensino de educação física, com conseqüências significativas e importantes para

que essas aulas se tornem, cada vez mais, lugar e tempo de experiências e realizações humanas plenas e agradáveis para todos.

Além disso, a invenção do futebol de seis “quadrados” responde da seguinte forma à pergunta constante dos meninos estudantes: “– Professor, vamos jogar futebol hoje?”. “– Sim, vamos jogar o futebol de seis quadrados!”.

“Six squares” Soccer in Physical Education Classes: a teaching experience based on the didactic principles of a critical-emancipatory approach

ABSTRACT: “Six square” soccer can be seen as an experience of intervention in physical education classes along the guidelines provided by the Brazilian Movement for the Renovation of Physical Education that took root in the 1980s and 90s. Its framework comes primarily from Kunz’ (1994) critical-emancipatory approach, which postulates a “didactic and pedagogic transformation of sport” and establishes didactic and communication principles for physical education classes. The experience discussed here was carried out at two public schools belonging to the Municipal School District of Florianópolis (Santa Catarina) and shows that “six-square” soccer can be an important pedagogical strategy for the re-invention of the sport.

KEY WORDS: Soccer; school Physical Education; sport; co-education.

El fútbol de los seis “cuadrados” en las clases de educación física: una experiencia de enseñanza basada en los principios didácticos del abordaje crítico-emancipador

RESUMEN: El fútbol de “seis cuadrados” constituye una experiencia de intervención en las clases de Educación Física, basada en la propuesta del movimiento de Renovación de la educación física, gestado en Brasil en los años 80-90. El marco de referencia utilizado es el abordaje crítico emancipador enunciado por Kunz (1994), que postula la “transformación didáctico-pedagógica del deporte” y establece principios didácticos comunicativos para las clases de educación física. La experiencia, llevada a cabo en dos escuelas municipales de Florianópolis (SC), reveló que el fútbol de “seis cuadrados” puede ser una estrategia pedagógica importante para la re-inención del deporte.

PALABRAS CLAVES: Fútbol; educación física escolar; deporte; coeducación.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: CEFD-UFES, 1997.

_____. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 69-88, 1999.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, ano VI, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. da. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, 2002.

FARIA JÚNIOR, A. G. de. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. *Pesquisa de campo*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 17-39, 1995.

GOELLNER, S. V. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, P. C. R. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. *Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

KUNZ, E. O esporte enquanto fator determinante das aulas de educação física. *Contexto & Educação*, Ijuí, ano IV, n. 15, p. 63-73, jul./set. 1989.

_____. *Educação física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.

_____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. Educação física escolar: seu desenvolvimento, problemas e propostas. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE: FUNÇÕES, TENDÊNCIAS E PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. *Anais...* Santa Maria: CEFD-UFSM, 1998. p. 114-119.

_____. A imprescindível necessidade pedagógica do professor: o método de ensino. *Motrivência*, Florianópolis, ano XI, n. 13, p. 63-81, nov. 1999.

_____. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. *Movimento*, Porto Alegre, ano VI, n. 12, p. I-XIII, 2000.

_____. Fundamentos normativos para as mudanças no pensamento pedagógico em educação física no Brasil. In: CAPARRÓZ, F. (Org.). *Educação física escolar: política, investigação e intervenção*. Vitória: Proteoria, 2001. v. I.

PELÉ: o mestre e seu método. Produção de Sal Lanza. Manaus: LK-TEL VÍDEO, 1990. I videocassete (82 min.) VHS, son., color.

QUÉFREN, W. C. N. Educação física e pedagogia crítica: praticar o discurso? *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 179-197, 2003.

Recebido: 29 maio 2006

Aprovado: 31 ago. 2006

Endereço para correspondência
Francisco Emílio de Medeiros
Rodovia Admar Gonzaga, n. 1663
Residencial Green Park, Bloco B, Ap. 307 – Itacorubi
Florianópolis - SC
CEP 88034-000